

REFORMA PARTIDÁRIA

Sarney será o presidente do novo partido do Governo

BRASÍLIA (O GLOBO) — O presidente do partido que sucederá a Arena no apoio ao Governo, com a reformulação partidária, será o senador José Sarney, que vem coordenando, no âmbito partidário, todo o processo de pesquisas, sondagens e consultas que terminou por indicar, como a melhor opção, a criação de uma única agremiação para sustentar, politicamente, o governo Figueiredo.

Embora com reservas, porque oficialmente o anúncio da manutenção de Sarney no comando da legenda de apoio ao Governo deverá ser resguardado até o envio do projeto ao Congresso, uma alta fonte do Governo disse que a escolha está praticamente consolidada, não havendo, no momento, nenhum nome em condições "de ser comparado com o atual presidente da Arena".

Sarney, repórter, é também contista e poeta bissexto

BRASÍLIA (O GLOBO) — O presidente do futuro partido do Governo tem 49 anos. Iniciou sua vida profissional como repórter do jornal "O Imparcial", em São Luís. Bacharel em Direito e deputado federal aos 24 anos, é proprietário do jornal "O Estado do Maranhão", além de contista e poeta bissexto.

Político de formação liberal — chegou a fazer parte da Frente Parlamentar Nacionalista —, foi escolhido para o cargo há dois meses, pelo presidente João Figueiredo. Na época, os comentários davam como certa a indicação do senador indireto Murilo Badaró. Sarney aceitou o convite, mas com uma condição: "Quero disputar o cargo".

O presidente da República voltou ao assunto em duas outras ocasiões, nas presenças dos ministros Golbery do Couto e Silva e Petrônio Portela. Estava escolhido Sarney, que na época da sua indicação para presidente da Arena, no início do Governo Figueiredo, afirmava que tinha pela frente "uma missão bastante árdua e difícil". Na ocasião acrescentou: "se falhar vou morrer e ninguém consegue tirar de mim a pecha de coveiro de um partido; nada mais deprimente".

A primeira eleição disputada por José Sarney foi em 1954, quando ficou na suplência. Mais tarde assumiu o mandato e rompeu com o Partido Social Democrático (PSD), que o levava ao Congresso Nacional. Na eleição seguinte, concorrendo pela União Democrática Nacional (UDN), foi um dos mais votados e, em 1965, chegava por

via indireta ao Governo do Maranhão.

Durante o primeiro Governo da Revolução de 1964, Sarney foi bastante prestigiado pelo marechal Castelo Branco. Ficou um tanto marginalizado nos períodos Costa e Silva, Médici e Geisel. Foi no último período, quando Vitorino Freire — seu maior adversário político — ainda estava vivo, que Sarney ficou mais afastado do Palácio do Planalto. No Governo Figueiredo voltou a ser prestigiado, após ser eleito pela segunda vez para o Senado.

Para o ministro Golbery do Couto e Silva, o senador é o político indicado para ajudar na popularidade do presidente João Figueiredo.

— Gosto de falar para o povo — diz Sarney — porque a gente humilde me entende. Não conto com nenhum chefe político do Maranhão, onde minhas bases são absolutamente populares.

Com dois livros de poesia e um de contos publicado, conversador, José Sarney é um político com uma visão ampla do mundo, mas que faz questão de mostrar suas raízes e falar sempre sobre os problemas da política de seu Estado. No dia 7 de Setembro de 1976, quando conversava com o então embaixador Roberto Campos e o primeiro-ministro inglês Harold Wilson, em Londres, contou histórias pitorescas sobre o Maranhão, tendo como personagem o povo de sua terra. Campos fazia a versão para o inglês, enquanto Wilson ria, discretamente.